

UMA EXPERIÊNCIA DE DANÇAR COTIDIANAMENTE NA EJA: PROJETO *LET'S DANCE*

Jalmiris Regina Oliveira Reis Simão¹

RESUMO

O projeto pedagógico *Let's Dance* foi efetivado por oito anos, interruptivamente, em uma escola pública de Belo Horizonte – MG. Entre outros objetivos buscou oportunizar o contato com a cultura artística, a apropriação de outros espaços além da sala de aula e também fora da escola, como locais de aprendizagem, o reconhecimento da intenção do gesto como forma de comunicação das emoções e das histórias de vida. Foi motivador de minha pesquisa de mestrado em educação e se revelou como contributo para a tessitura do conhecimento e emancipação do público da modalidade EJA, detentor de uma dívida social de educação ao serem excluídos de um ambiente formal de aprendizagem na infância ou adolescência. Fundamentado na legislação educativa e nas orientações curriculares do MEC, os *praticantespensantes* do currículo vivenciaram no projeto o desenvolvimento da corporeidade, a valorização da cultura corporal, a utilização de linguagens não-verbais como forma de comunicação e expressão das histórias de vidas.

Palavras Chaves: Projeto *Let's Dance* – EJA - Cotidiano e Currículo Escolar

INTRODUÇÃO

Desde o seu início, em 2004, o *Projeto Let's Dance*, uma experiência de dançar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) contemplou o apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que determinam que o/a aluno/a deva ser capaz, entre outros objetivos, de “utilizar as diferentes linguagens – verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal (grifo nosso) – como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias”. Uma prática que se configurou a partir da interação entre os *praticantespensantes*² do cotidiano da EJA da EMJMMG com práticas de expressão corporal, dança e o desenvolvimento da corporeidade, nas quais se buscava um sentido emancipatório nas diferentes circunstâncias, como dito por Oliveira (2012).

O cotidiano e o currículo *praticadopensado*

Sou mais uma das que se junta a Alves e Oliveira (2008), defendendo que há modos de fazer e de *reconhecercriar* conhecimentos no cotidiano, não só através do pensamento científico hegemonicamente difundido na modernidade. O *Projeto Let's Dance*, gestado na EMJMMG e efetivado por oito anos, foi reconhecido pela comunidade escolar como contributo à formação dos educandos, distando da maneira tradicional de ensino na EJA. A

¹ Mestre em Educação pela FFP-UERJ, pedagoga, professora e coordenadora pedagógica da EJA e de projetos pedagógicos, integrante do Grupo de Pesquisa Redes de Conhecimentos e Práticas Emancipatórias no Cotidiano Escolar, do PROPED/UERJ. E-mail: jalmiris.reis@gmail.com

² Utilizo neologismos, a junção de palavras para dar conta com maior ênfase do que desejo transmitir.

partir dos estudos na minha pesquisa de mestrado, oriunda desta experiência, clareou-se a concepção de que a vida cotidiana na escola realmente não pode passar despercebida (AZANHA, 2011) pois esta ação era significativa, fruto da interação e demanda dos *praticantespensantes* daquele cotidiano.

Com a ajuda de Boaventura (1995) se tornou possível identificar que não há uma única forma de conhecimento válido e que outras tantas práticas que surgem na complexa rede de interações do cotidiano - que são invisibilizadas e distanciam-se do pensamento hegemônico atual, denota o processo de exclusão de formas de conhecimento consideradas não científicas e o aniquilamento do que é produzido por essas populações.

O dia a dia na escola, sempre rico e plural leva a pensar que

precisamos ir além da simples sugestão de que a ignorância da vida cotidiana das escolas é uma falha, e argumentar no sentido de estabelecer a relevância do conhecimento da cotidianidade para o conhecimento do homem geral [...] Em outras palavras, é preciso que elucidemos as razões do interesse que pode ter para as ciências humanas e a filosofia o estudo dessa miríade de *gestos* (grifo nosso), palavras, pequenos episódios, enfim, desses fatos *sans prestige* que, no dizer de Lefebvre, constituem a própria substância do cotidiano (p.61).

Os pequenos episódios que compõem a vida cotidiana, aparentemente atípicos, são a efetivação de um currículo *pensadopraticado* (OLIVEIRA, 2012) distante daquele que é determinado externamente à escola. O imenso fluxo de episódios pode desaparecer se não forem registrados e pesquisados. Daí a busca, na citada pesquisa, das percepções dos *praticantespensantes* do cotidiano da EJA da comunidade escolar da EMJMMG, quanto à formatação e desenvolvimento do *Projeto Let's Dance*, tendo em vista sua longa duração, sua construção coletiva e sua contribuição no processo de tessitura do conhecimento dos que dele participaram.

As ações e projetos pedagógicos que se efetivaram na EMJMMG delineavam um currículo *pensadopraticado*, nascido das demandas que se apresentavam naquele cotidiano da EJA. Mas em meio a várias iniciativas da equipe pedagógica me encontrei *desconfiando e estranhando*, a quase inexistência de atividades corporais para os estudantes jovens, adultos e idosos. Frequentes eram apenas as “peladas de futebol”, que ocorriam no momento do recreio (intervalo das aulas), das quais mais jovens que adultos participavam, sendo o público masculino sua quase totalidade. Em alguns poucos momentos algumas jovens se integravam ao jogo. A não disponibilização sistemática de práticas corporais para os estudantes do turno noturno contraria legislação educacional vigente e as propostas pedagógicas para o todo público do Ensino Fundamental, em sua maioria baseadas nas orientações curriculares do MEC. Sendo a EJA uma modalidade educativa desta etapa da Educação Básica, tal ausência desvela mais uma vez o descaso com que são tratados esses sujeitos que retornam à escola, depois de anos, em sua maioria, de exclusão de um

ambiente formal de aprendizagem, sem o cumprimento de um direito constitucionalmente estabelecido.

Era um dia 08 de março... nascia o *Let's Dance!*

Assim, nos dias que antecediam o oito de março de 2004, Dia Internacional da Mulher, ocorriam as preparações para homenagear as mulheres da comunidade escolar. Tradicionalmente, o evento é realizado na Escola com carinho e grande ênfase, pois as estudantes jovens, mães, avós, trabalhadoras, que retornavam para a escola, colocam nos estudos seus sonhos e desejos de dias melhores.

Em meio a estas preparações propus a um grupo de estudantes a elaboração de uma apresentação, utilizando a linguagem corporal. Uma homenagem à beleza que cada uma daquelas “Marias” ³ carrega em si (como canta Milton Nascimento). A proposta foi aceita com empolgação e escolhida uma canção para compor a fala, o canto, os sentimentos, a emoção, a declaração do corpo. Foi elaborada uma coreografia simples, onde foram utilizados alguns, da miríade de gestos possíveis para a o verso: “Você é *linda demais!*”

Os gestos retrataram parte da história de vida gravada nos corpos, muitas vezes emudecidos das educandas da EJA, retrato de uma disciplina, dita necessária, na escola ou pela imposição de uma sociedade que hierarquiza, define padrões de comportamento para grupos, tendo por critério o aspecto geracional, econômico, racial e de gênero. Os gestos que são parte do movimento natural dos seres humanos, de seu viver, de sua cultura se tornaram também excluídos do cotidiano da EJA, tendo sua rotina educacional muitas vezes restrita à sala de aula e às carteiras escolares.

Após este evento algumas estudantes solicitaram a continuidade das atividades de dança e ao grupo se juntaram outras. Desde aquela data passei a coordenar efetivamente o *Projeto Let's Dance*, inicialmente, em horário extraturno.

Posteriormente foi escolhida a canção *Last Dance*, de Donna Summer, uma música da década de 70, para construção de uma nova coreografia. A canção e a empolgação das alunas mobilizaram os demais professores, levando a realização de estudos sobre a época das discotecas no Brasil e dos fatos históricos do período.

No dia da comemoração do aniversário da Escola (evento, previsto no Calendário Pedagógico) as estudantes vestidas com roupas com muito brilho e acessórios, próprios da época, se apresentaram de maneira alegre e festiva. Com tais apresentações cumpria-se mais um dos objetivos previstos nos PCN (1997) ao utilizar a linguagem corporal e artística

³ Maria, Maria: canção de autoria de Milton Nascimento e Fernando Brant.

como forma de comunicação e assim, contribuir para a tessitura do conhecimento também daqueles que não participavam diretamente.

Foi escolhido o nome para o projeto a partir da sonoridade do nome da música de Donna Summer. Ao contrário de ser a “última dança”, tradução do título da canção *Last Dance*, foi definido *Let’s Dance*: “Vamos dançar!”

Era um convite à participação, ao movimento, à atividade física nunca possível pela falta de tempo e espaço. Uma tática certauniana encontrada nas lacunas das estratégias de um currículo imposto externamente à escola, que Arroyo (2005) também me ajudou a pensar mais profundamente, como uma maneira de efetivação do direito a uma educação que remetesse a propostas pedagógicas que incluíssem a expressão corporal, a arte, a emoção, valorizando a corporeidade daqueles jovens, adultos e idosos.

Duas concepções opostas do ser humano e de seu corpo vêm acompanhando a trajetória da humanidade. De um lado, uma visão totalizante, onde a divisão não existe, onde o ser humano é *corpo* *mente* *espírito* *emoção*. De outro, a dicotomização que fragmenta o ser humano em partes, dissociando as suas partes constitutivas umas das outras. Estas concepções trazem implicações para a educação de forma geral, na medida em que tomar uma ou outra por base altera todo o projeto de educação do ser humano. Na modalidade EJA, que conhecemos no Brasil, a concepção dicotômica do sujeito com a atribuição da supremacia à mente ilustrada, em detrimento do corpo atuante e das emoções pululantes, associada a uma visão compensatória da modalidade, apontam para a elaboração de propostas pedagógicas que, ao privilegiarem os chamados conteúdos mínimos e negligenciarem conhecimentos não formais, corpos viventes e emoções sentidas, nem sempre atendem à especificidade de seu público, composto por pessoas que retornam à escola, após anos de exclusão precoce de um ambiente formal de aprendizagem ou que nunca tiveram acesso a ele, mas pessoas com trajetórias de vida reais, que lhes marcam os corpos, as mentes e conhecimentos.

Ao possibilitar atividades de expressão corporal e dança alunas com até 60/70 anos passaram a antecipar seu horário de chegada à escola e a se declararem através do corpo. Eram encontros duas vezes por semana, com atividades na perspectiva de facilitar as relações sociais, de aprendizagem e harmonização do ser humano, com a intenção da valorização, reconhecimento pessoal e desenvolvimento da corporeidade. Além das atividades no espaço escolar, o projeto favoreceu vivências também em outros espaços culturais da cidade.

Mulheres mais velhas, mais jovens, adolescentes começaram a descobrir e buscar o aprimoramento da linguagem corporal. Os homens ainda resistiam ao convite.

As aulas do projeto foram se tornando momentos também de reflexão. Auto-avaliações orais eram realizadas, visando identificar o impacto da participação das

estudantes no seu processo de formação e, a partir das suas falas, passei a encontrar indícios de como tais práticas as afetavam em seu cotidiano, além de identificar novos direcionamentos para o projeto.

Os demais educadores passaram a pontuar traços de maior participação nas suas aulas, mais intervenções nas discussões e maior capacidade de expressão. A equipe docente da escola reconhecia as alterações que ocorreram na rotina da escola, a dinamicidade e nas reuniões pedagógicas buscava-se a interlocução do *Let's Dance* com as demais disciplinas e sua efetivação de forma mais ampliada, atendendo ao Projeto Político Pedagógico.

A Escola recebeu no ano de 2004 a visita de técnicos da Secretaria Municipal de Educação- BH/Regional Norte e um deles, com formação em dança encantou-se com o Projeto *Let's Dance*. Afirmou que não tinha conhecimento de outra prática como esta, especificamente para jovens, adultos e idosos, em toda Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH).

Fotografia nº 01 - Aulas do projeto *Let's Dance* em salas de aula



(a)

(b)

Legenda (a) e (b) as aulas aconteciam em salas de aulas, que tinham suas carteiras empilhadas, com a colaboração dos participantes.

Fonte: SIMÃO, J.R.O.R., 2011 e 2008.

As salas de aula, em dado momento do percurso do projeto, era o único espaço disponível na escola para a realização dos encontros/aulas. Os participantes colaborativamente amontoavam as carteiras escolares para as atividades.

A utilização de estímulos sonoros, como referência para movimento, levaram a descoberta de outras possibilidades com associação ao ritmo, que é um estágio mais avançado de percepção auditiva e motora. O que não impediu, no entanto, aulas onde houvesse a ausência de estímulos. Foram utilizados os “sons” do silêncio “pois no silêncio existem ritmos (internos e externos) que podem e devem ser explorados”, como especificado nos PCN (1997).

Já a improvisação, que é uma das possibilidades de experimentar a dança em si (MARQUES, 2007), individualmente, em dupla e coletivamente foi uma recorrente prática

despertando a criatividade, produzindo autonomia, favorecendo o trabalho coletivo e a solidariedade.

Com a diversificação dos gêneros musicais, a partir do interesse do grupo e em cumprimento ao Calendário Pedagógico, foram compostas coreografias, explorando movimentos e gestos do cotidiano: um exercício de inventividade. Assim, as apresentações nos eventos da escola se tornaram frequente, tanto no turno noturno quanto nos turnos diurnos.

Ver a satisfação e o sorriso do grupo ao final de cada um desses eventos, se valorizando e se identificando com a mensagem dita corporalmente, era um prêmio sem preço. Como educadora que acredita numa formação integral onde corpo, mente e emoções fazem parte da tessitura do conhecimento, estes resultados eram para mim recompensa de todo trabalho, do investimento naquela tática (CERTEAU, 2002) para alcançar a efetivação de um currículo que, sem negar as histórias de vida de seus praticantes, dá sentido emancipador à escola e valoriza o que trazem para o cotidiano, aqueles que são "comumente" excluídos socialmente e que fazem parte da camada econômica, política, cultural e social menos favorecida.

Em agosto de 2004, 2005 e 2006 o *Projeto Let's Dance* participou da IX, X e XI Mostra Plural - Horizontes da Cidadania, onde os professores/as e estudantes da RME-BH divulgavam suas produções pedagógicas em palcos espalhados pelo Parque Municipal René Giannetti, na região central da cidade. Magna, uma das alunas foi entrevistada no evento de 2004 por estudantes do curso de Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica Minas Gerais. A entrevista foi publicada no jornal daquela universidade e Magna dizia da alegria de retomar aos estudos e de ter a possibilidade de dançar na escola. O título do artigo publicado exprimiu claramente nosso trabalho: "*Aprendizado para além da sala de aula*".

Em novembro do mesmo ano, a cultura afro-brasileira era tema desenvolvido e culminaria com atividades no dia 20 - Dia da Consciência Negra. Isso levou a pesquisar e estudar a dança, música e ritmos, não apenas para ter conhecimento que os povos africanos chegaram ao Brasil pelo tráfico de escravos, mas que trouxeram consigo sua religião, sua cultura, sua arte, seus costumes, enfim, seus modos de viver, suas corporeidades. A dança afro-brasileira pôde privilegiar a pluralidade cultural e conduzir à reflexão de diversos aspectos sociais, como a desigualdade, a discriminação, o preconceito.

Também em 2005, foi decidido pela equipe pedagógica e direção, que o projeto faria parte da carga horária das aulas de Educação Física, mantendo um horário extraturno. Além disso, foi decidido que ex-estudantes e membros da comunidade poderiam se matricular no projeto. A professora da disciplina passou a participar do projeto com aulas de alongamento, elevando as possibilidades expressivas corporais.

No mesmo ano, o *Let's Dance* foi aprovado pela Assembléia Escolar para ser incluído no Projeto de Ação Pedagógica (PAP)⁴, dentro do eixo Arte e Cidadania, pois foi identificado como favorecedor do processo ensino-aprendizagem, passando a receber recursos públicos para sua efetivação.

Alçando vôos, dando voz ao corpo, atendemos ao convite do Parque Escola Jardim Belmonte onde funcionava o “Projeto Forma Cor Ação”, que tinha na arte o prumo para o desenvolvimento de atividades com as comunidades circunvizinhas. O convite era para a participação de um evento em combate à violência naquela comunidade, onde o índice de violência alcançava níveis alarmantes. As alunas transmitiram uma mensagem de paz através de seus gestos, do movimento, da dança. A linguagem corporal foi suficiente para comunicar a paz tão desejada pelos moradores circunvizinhos.

Fotografia nº 02 - Dançando a paz além dos muros da escola



Legenda: Evento no Parque Jardim Belmonte – Projeto Forma Cor Ação

Fonte: SIMÃO, J.R.O.R., 2005.

Em 2006, o *Projeto Let's Dance*, único projeto de expressão corporal na modalidade EJA da na RME-BH, recebeu o “Prêmio Paulo Freire” da Secretaria Municipal de Educação de BH, um reconhecimento a iniciativas pedagógicas diferenciadas.

Em 2007 e 2009 a EMJMMG, recebeu o Selo Escola Solidária, um prêmio nacional, concedido às escolas pelo Instituto Faça Parte, em parceria com o MEC, o CONSED, a UNDIME e a UNESCO, através da efetivação do *Let's Dance* também para membros da comunidade.

Ainda no ano de 2007, em cumprimento à Lei 10.639/2003, a coreógrafa Marlene Silva, precursora da dança afro em Minas e que assinou a dança das mucamas no filme

⁴ Projeto da Secretaria Municipal de Educação - BH, com o objetivo de melhorar a qualidade da educação, libera verbas para projetos pedagógicos e aquisição de recursos, melhoria das instalações escolares.

“Xica da Silva”, do diretor Cacá Diegues (1976), compareceu à escola com seu grupo de dança e percussão, para uma apresentação e *workshop* com o público da EJA. No segundo semestre daquele ano, contamos com sua presença no *Projeto Let’s Dance*, para desenvolver o subprojeto de dança afro *Kizomba*.

O *Kizomba* culminou no dia 20 de novembro, com o evento denominado “Manifestações Culturais e Artísticas Afro-Brasileiras”. Nos anos seguintes o evento teve outras edições e sempre contou com a participação do *Let’s Dance*, que construiu outras coreografias a partir do trabalho da professora Marlene.

Fotografia nº 03 - Manifestações Culturais e Artísticas Afro-brasileiras



Legenda: Culminância dos estudos a partir da lei 10.639/2003 e subprojeto Kizomba.

Fonte: SIMÂO, J.R.O.R. 2009.

Em 2009, discentes adolescentes dos turnos diurnos foram matriculados no projeto, efetivando um trabalho intergeracional e, por este critério, recebemos o convite do programa “Dedo de Prosa”, da TV Horizonte⁵, para participar de uma gravação com duas coreografias.

Dando visibilidade a esta experiência foi criado um *blog* - www.projetoletsdance.blogspot.com – onde há fotos, vídeos e textos, alguns registros do percurso do projeto.

Dois artigos abordando o projeto foram aceitos em eventos educacionais internacionais (2008): no *V Encuentro Iberoamericano de Colectivos y Redes de Maestros que Hacen Investigación e Innovación Desde Su Escuela y Comunidad* (Venezuela) e no *Primer Congreso Internacional de Educación Media Superior y Superior - Para La Juventud Del Futuro* (México). A partir das aceitações dos artigos surgiram questões para minha

⁵ <http://www.programadedeprosa.com.br/default.asp?pag=p000036>.

pesquisa de mestrado, que teve como um dos objetivos dar atenção aos processos internos da escola, fazendo um recorte nas práticas de expressão corporal e a dança, às visões de corpo e aos currículos da EJA, pensando em não emudecer o gesto do jovem, adulto e idoso e na não *descorporificação* do sujeito aprendente.

Considerações finais

Entendendo o *Projeto Let's Dance* como criação curricular cotidiana me junto a Oliveira (2012) apontando que ampliar e dar visibilidade a “práticas/existências escolares/educativas não modelares” é uma maneira de atuar política e epistemologicamente sobre as possibilidades desta ampliação e que ao identificá-las busca-se “libertá-las do lugar de inexistência e inferioridade ao qual vêm sendo relegadas devido à suposição de que são pouco científicas e espontaneístas ou mal fundamentadas”, pois são “formas alternativas de se estar no mundo, de compreendê-lo, de senti-lo” e “constitutivas das redes de conhecimentos no seio das quais os currículos são criados cotidianamente.”

Como é possível a formação e a educação do indivíduo impedindo sua expressão, visto que é também através do movimento que ele se manifesta, comunica e diz a sua palavra, trabalha, sente o mundo e é sentido por ele (STRAZZACAPPA, 2001). Os sujeitos da escola devem ser considerados globalmente e ter um escape da mera cognição/entendimento (OLIVEIRA, 2012).

Nossa sociedade está marcada pela racionalidade. Muitos limites estão definidos na dimensão escolar, familiar e no trabalho quando nos foi ensinado a “engolir os desejos” e através das normas reproduzirmos imposições “modelando os gestos e, simultaneamente, aquietando o espírito” (TIRIBA, 2008, p. 07). No entanto, todos os locais onde vivemos na sociedade interferem no corpo, todas as pessoas são constituídas por ele e o constituem. Ele é uma via de expressão e comunicação. Estas experiências são muitas vezes desconsideradas e/ou invisibilizadas, na escola por meio de propostas curriculares que não valorizam a corporeidade, sendo que esta possibilita a problematização da realidade a partir do movimento e do corpo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.): **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leônicio et al (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 1ª Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

AZANHA, José Mário Pires. **Uma idéia de pesquisa educacional.** 2^a ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental do MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC, 1997.

_____. **Lei Nº 10.639.** Brasília: Presidência da República. 2003.

CERTEAU, M: **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis: Vozes, 2002.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola.** São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar em Revista:** Dossiê: Educação de jovens e adultos: novos diálogos frente às dimensões contextuais contemporâneas, Curitiba, v. 29, p.83-100, 2007.

_____, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. **Estudos do Cotidiano &Educação.** 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____, Inês Barbosa de. **Curriculum como criação cotidiana.** Petrópolis: DP et Alii, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** São Paulo: Cortez, 1995.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** Cadernos CEDES, Campinas, SP: Cedes, n 53, p. 69-83, 2001.

TIRIBA, Lea. Proposta Pedagógica. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Salto para futuro: O Corpo na Escola.** XVIII Brasília: Secretaria de Educação A Distância, 2008. Boletim 04, p. 03 a 13. Disponível em: <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/181924Corponaescola.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

Parecer de um dos membros da comissão:

- Apresenta/investiga o Projeto Let's dance, desenvolvido numa escola pública com alunos de EJA.
- Articula dança, inclusão de gênero, raça, geracional e social numa escola em BH.
- Relata experiência premiada no estado de MG e é um belo exemplo de pesquisa do cotidiano escolar que aponta transformações sociais surgidas a partir da escola. Excelente trabalho!!!